

Preço da assignatura

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Anno	1\$300 rs.
Semestre	650 "
Trimestre	350 "
Numero avulso	30 "

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Antonio Luiz da Silva Dantas, director, proprietario e administrador de *A Restauração*.

Redacção e Administração

R. de Payo Galvão—Guimarães

A RESTAURAÇÃO

SEMENARIO CATHOLICO

Preço das publicações

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Repetição, por linha	20 "
No corpo do jornal	100 "

Os srs. assignantes gosam o desconto de 25 % em todas as suas publicações.

As obras litterarias, quando o mereçam, annunciam-se em troca de um exemplar.

Composição e Impressão

Typographia Minerva Vimaranesse

Resposta a uma carta

«Non possumus non loqui.»

Act. Ap., IV, 20.

Ao artigo que aqui escrevemos em nosso último número relativo a umas afirmações do sr. P.º Hermano, respondeu este illustre redactor de *O Regenerador* com uma carta datada do dia 20 de Março. Apenas a carta nos chegou à mão, logo escrevemos ao seu illustrado auctor, accusando a recepção e prometendo mais demorada resposta ou em conferência pessoal ou em documento particular.

Quando porém nos dispúnhamos a cumprir o prometido, vimos publicada em *O Regenerador* a carta que receberíamos. Tínhamos-nos enganado: julgáramos poder colher da carta uma tal ou qual vontade, por parte do nosso amigo, de se não prolongar a discussão; mas, dada a publicação da carta, já não bastava a nossa resposta particular. Assim o fizemos saber ao illustre escriptor.

Vamos pois responder com o indispensavel desenvolvimento à carta do nosso rev. collega. Transcrevê-la-hemos toda, segundo foi publicada, acompanhando da devida resposta os pontos della que mais o merecem.

Mas, antes disso, permita-nos o sr. P.º Hermano que exprimamos uma estranheza nossa. O nosso illustre collega, quando ha pouco o convidávamos para a discussão dos nossos programmas políticos, fugiu ao leal convite, não julgando indigno do seu caracter fazer cair sobre nós as custas da sua resolução. Já notamos que, antes de tal convite, todas as discussões foram pelo sr. P.º Hermano julgadas possíveis. Aquella foi a primeira impossível. Mas, a ser sincera a excusa, era de esperar que, formado tal conceito do adversário, nunca mais se quisesse discussão com elle. Afinal porém os receios de falta de serenidade e frieza, que tolheram os brios do nosso amigo, eram só para a discussão dos programmas: todas as outras discussões, antes e depois do convite, sam possíveis.

Por conseguinte o sr. P.º Hermano não foi sincero ao escusar-se daquelloutra discussão: felizmente para nós, vai resgatando à custa dos seus créditos de amigo da verdade a injusta accusação que sobre nós lançou.

Mas vamos à carta.

«Rev.ºº collega e amigo sr. P.º Faria»

Em seguimento das nossas questões, tinha eu escripto já um maço de tiras, quando, reflectindo, disse com os meus botões—Mas para que serve tudo isto? Não seria preferivel fazer uma bonita economia de dinheiro, de trabalho e de irritações, trocando esta papelada por uma simples carta?—

Assim o resolvi; por isso, em vez duns longos capitulos fastidiosos, vam quasi só as respectivas epigraphes e, temos concluido.»

Aqui poucos reparos nos parecem necessários. Um delles refere-se à palavra «questiunculas». Parece-nos que, se o assumpto alludido se ha de relegar para o baixo recanto das «questiunculas», não será facil que o sr. P.º Hermano se possa occupar de coisas que mereçam outro nome; a não ser que se chamem «questões» as que *O Regenerador* com tanta insistência tem tratado a respeito do *Largo Bicudo*, do *Polygono*, etc.

Outro refere-se àquelle «reflectindo.» Custa-nos a crer que um escriptor tam distincto só reflecta no que escreve e suas consequências, depois de «escripto já um maço de tiras.» Mas, sendo assim, applaudimos a mudança de resolução; e achamos natural que, segundo aquelle teor, houvesse matéria para «irritações» e para os que o nosso illustre collega chama «capitulos fastidiosos.»

«Ora o que eu demonstrava e affirmava era o seguinte:—

a) Que mudar de orientação, se umas vezes pode significar «firmeza pouca» no dizer de Sá de Miranda, muitas outras significa sinceridade e desejo de acertar; e tanto assim que o Nacionalismo está cheio de homens que mudaram para lá.»

Esta doutrina, como doutrina, mette o nosso applauso, e não depõe nada contra as afirmações por nós feitas. A intenção com que foi metida na carta-replica, ignoramo-la.

b) Que fui regenerador sempre. Fui-o até na epocha em que mais escrevi em prol da formação dum partido catholico, porque, dos partidos organizados, era (e ainda é) aquelle que me parecia mais digno de preferencias.»

Daqui colhe-se, em boa lógica, que o sr. P.º Hermano não considera catholico o partido regenerador: no que pensa mui rectamente. Ora, que o sr. P.º Hermano, julgando mau que um partido não fosse catholico, continuasse filiado nelle e por conseguinte a lidar por elle, ao mesmo tempo que trabalhava por outro que o combatesse e suplantasse... será grande subtiliza, que a muitos ha de parecer inexplicavel incoherência.

Mas ter lidado «em prol da fundação dum partido catholico», vê-lo agora formado (pois não pode negar que o nacionalismo seja um partido catholico: não ha uma só pessoa em Portugal que o não tenha por tal), e afirmar que o partido regenerador ainda lhe merece as preferencias, deixa em má situação a sinceridade pelo menos duma das coisas: ou das lidas pela formação do partido catholico, ou das preferencias ainda agora apregoadas em favor do partido regenerador; uma terceira disjuntiva imaginavel, nem a formulamos, por incrível.

O que porém nos parece ainda mais estranhavel é que o sr. P.º Hermano, tendo-se negado à comparação dos programmas nacionalista e regenerador, venha mais uma vez afirmar sem provas que o nacionalista é inferior.

O sr. P.º Hermano ha de concordar em que até aqui ainda não apresentou um só argumento que justifique as preferencias que dá ao partido regenerador. Ora, que um homem, em semelhantes circunstâncias, continuasse a cooperar com o partido regenerador, vá, se se limitasse à sua acção pessoal. Seria uma aberração semelhante a muitas outras de que o homem é capaz: quantas e quantas coisas se fazem, sem se poder apresentar uma sombra de razão que as justifique?*

Mas que um homem intelligente appareça em público a defender o partido regenerador, e se contente com dizer que é elle o que merece as suas preferencias, fazendo assim uma affirmação deprimente do partido adverso, eiz o que não podemos receber em silêncio.

Que modo de propaganda é esse, em que se calam mysteriosamente os predicados do ideal, limitando-se os propagandistas a affirmar preferencias pessoaes? Quererám que essas

preferencias tenham no ánimo dos leitores a efficácia de dogmas infalliveis?

Ora, se os argumentos até hoje apresentados pelo sr. P.º Hermano contra o nacionalismo se reduzem a affirmações pessoaes, como quer o nosso illustre collega que nos defendamos, senão negando a auctoridade pessoal de quem os apresenta? Queriam o sr. P.º Hermano que, quando o vemos fazer praça das suas preferencias, dissessemos aos nossos leitores: «Sim: se elle affirmava que o nacionalismo é inferior, é porque é assim; elle tem toda a auctoridade para o dizer?»

c) Que o partido regenerador nunca foi perseguidor da religião, embora nem todas as affirmações de seus estadistas sejam de aceitar-se. Se não é um partido clerical, ao menos tem sido respeitador da religião do Estado e, na sua quasi totalidade, é composto de bons catholicos. Podia ser melhor? podia; mas, se não temos o bom, vamos lá com o soffrivel.»

Este parágrafo dava para um volume. Restrinjamo-nos aos pontos principaes.

«O partido regenerador nunca foi perseguidor da religião, embora nem todas as affirmações de seus estadistas sejam de aceitar-se.»

Não podemos suppor que estas ultimas palavras se refiram aos tres factos, com que no passado número demonstramos que o partido regenerador professa o liberalismo que os theólogos chamam radical. Por conseguinte, se o partido regenerador nunca tivesse sido perseguidor da religião por factos, seria um partido de caprichos pessoaes, um partido que não faz caso de principios nem de programmas, e portanto indigno das preferencias dum homem de principios.

Se «nunca tivesse sido perseguidor da religião por factos» dizemos: porque a própria profissão de semelhante liberalismo é a peor de todas as perseguições, como sempre foi julgado pela Igreja e pela simplez razão natural a respeito dos erros doutrinaes, comparados com os factos materiaes.

Ora o liberalismo radical professado pelo partido regenerador é immediatamente contra a fé, e portanto herético, e nega implicitamente a divindade da Igreja.

Mas o certo é que o partido regenerador tem sido coherente com os seus principios. Professa a doutrina de que a Igreja está sujeita ao estado, e tem procedido habitualmente de accordo com essa doutrina. O sr. P.º Hermano sabe, pelo menos tam bem como nós, que isto é assim.

O partido regenerador «ao menos tem sido respeitador da religião do Estado.»

Isto, para resposta ao sr. Teixeira de Sousa, que ainda ha poucas semanas, reivindicando as glórias do partido regenerador, recordava a extincção das ordens religiosas, a expulsão dum nuncio, etc., paremos insufficiente; porque o sr. Teixeira de Sousa argumentava com factos, e o sr. P.º Hermano limitava-se, mais uma vez, a affirmações gratuitas.

O partido regenerador, «na sua quasi totalidade, é composto de bons catholicos.»

Esses «catholicos» ou sam verdadeiramente regeneradores, adoptando e professando todas as ideias e principios do seu partido, ou não o sam. No primeiro caso, sam tam catholicos, que negam a divindade da Igreja catholica e professam, por

consequente, o conjunto de todas as heresias. No segundo caso, em rigor não podem chamar-se regeneradores: mas, a não os absolver uma boa fé incomprehensivel, tambem não podem chamar-se «bons catholicos»; quem coopera com um partido adverso à Igreja, mal pode chamar-se bom filho della.

«Se não temos o bom, vamos lá com o soffrivel.»

Aqui vem outra vez a allusão deprimente do nacionalismo, que é tratado ou como insoffrivel, ou como menos soffrivel do que o partido regenerador. Mas o nacionalismo tem a seu lado toda a imprensa catholica do país; o nacionalismo tem sido abençoado pelo Papa; o nacionalismo tem um programma contra o qual o sr. P.º Hermano nem nenhum outro adversário ousou já mais dizer uma palavra, e que antes tem sido objecto dos mais auctorizados e insuspeitos elogios, como o do fallecido Emygdio Navarro, etc. Como quer o sr. P.º Hermano que acceitemos por boas as suas preferencias, e acatemos a propaganda que dellas faz, enquanto as não virtuosas apoiadas em condignos argumentos?

d) Que, nascido o Nacionalismo, não corri a matricular-me, por motivos que, para evitar testilhas sempre feias entre padres de eguaes sentimentos religiosos, peço licença para deixar no tinteiro.»

Se o sr. P.º Hermano se refere a motivos particulares de consciencia, creia que ninguem os respeitara mais rigorosamente do que nós. O nosso amigo não poderá dizer que, no que temos dito, hajamos ultrapassado os limites daquillo que é discutivel.

O que, em todo o caso, se não justifica por esses motivos que ficam no tinteiro, é a matricula no partido regenerador, a pretendida defesa desse procedimento e as picuinhas contra o nacionalismo. E estas coisas sam, como diria o sr. P.º Hermano, «do soalheiro da imprensa.»

e) Que o meu amigo não foi assaz correcto, insinuando de novo, que a pequena e inoffensiva alteração involuntaria duma phrase sua, fora propositada. Estavam dadas explicações tam claras como verdadeiras: não havia utilidade alguma em voltar ao caso.»

Que a tal alteração fosse pequena quanto à expressão, de boa mente o concedemos pois consistiu só numa palavra; quanto ao sentido era grande. Nós escrevêramos que a redacção de *O Regenerador* não ficou contente «com a nossa condemnação daquelle duello;» e o sr. P.º Hermano accusou-nos publicamente de termos dito «que a redacção não ficou contente «com a nossa condemnação do duello.» Ha muita differença entre uma hypothese e uma these; entre um sujeito que pede, em certo caso, a absolvição dum amigo, e outro que affirmava, em geral, não se dever punir o crime.

Mas, se a alteração não foi «pequena», tambem não foi inoffensiva: basta que o sr. P.º Hermano se fundou nella para dizer que nós o calumniávamos. Uma alteração, que rende contra um escriptor honesto a accusação pública de calumniador, não se pode chamar «inoffensiva.»

«Estavam dadas explicações tam claras como verdadeiras.» «Claros», sim; «verdadeiras», sim; sufficientes, não.

O sr. P.º Hermano pretendeu justificar-se, dizendo que nos citara

de memória. Mas permita que lhe notemos: 1.º Que, sendo tamanha a differença entre o que nós escrevêramos e o que o sr. P.º Hermano nos attribuiu, o erro, para se explicar do modo mais favoravel, só pode ter tido origem numa leitura muito desattenta; 2.º que o tomar uma leitura desattenta e superficial para única base duma accusação pública de calumniador, lançada contra um escriptor sério, sempre vem a redundar, afinal, em desabono da boa fé do accusador.

Por conseguinte, não houve incorrecção nenhuma da nossa parte em nos referirmos novamente a um procedimento público, que nos ferira injustamente e que a explicação dada não reparara sufficientemente. Se houve incorrecção, não foi em quem a desejava reparada.

E, ainda que não tivéssemos taes razões a nosso favor, com que direito havia o sr. P.º Hermano de chamar «incorrecto» ao nosso procedimento, quando elle mesmo, a propósito do duello por nós condemnado, foi recordar uma falta de terceiro, apesar de reconhecer que ella já estava plenamente reparada pelo arrependimento, perdão e emenda?

f) Que affirmei ter o sr. P.º Faria sido progressista porque, na celebre eleição do—*não te conheço*—, o seu voto teria caído na urna, em favor dos progressistas, se eu, para evitar mais encommodos e com assentimento dos chefes, não tivesse proposto que ambos nos abstivessemos: era um voto a menos de cada lado. Demais, estava sabido que o sr. P.º Faria era um votante do nosso respeitabilissimo amigo sr. abade de Tagilde. Todavia eu não teria premido essa tecla, se tivesse adivinhado que tanto o encommodava a recordação desse facto.»

Nunca suppussemos que o sr. P.º Hermano se esquecesse tanto de si, que ousasse descer a taes processos de discussão. Não podemos desfiar com a necessária largueza a complexa meada de desconcertos consubstanciados nesta citação: apontaremos só os principaes.

Antes de mais nada, não sabemos que nome dar ao procedimento de quem abusa dum conhecimento obtido na intimidade (pois o facto a que o sr. P.º Hermano allude não passou da intimidade de poucas pessoas, que viviam como em familia) para, interpretado na peor má fé, o vir lançar em rosto publicamente a quem não concorda com certas ideias. O sr. P.º Hermano, que tam escandalizado se tem mostrado por nos referirmos a coisas publicadas pela imprensa, parece que devia ter mais um pouco de continência em se referir a coisas tam ignoradas. O nosso amigo bem sabe que o facto alludido não foi de conhecimento commum: não teve nenhum titulo de notoriedade; e, para o sr. P.º Hermano dizer o contrario, ha de julgar mal de alguém injustamente.

Mas não se cuide que dizemos isto para nos eximirmos a responsabilidades contrahidas. Não nos temos em conta de infalliveis e impeccaveis; se porém a nossa consciencia desse razão ao sr. P.º Hermano, lealmente o reconheceríamos, sem recorrer a desculpas contraproducentes e talvez offensivas do adversário.

O certo porém é que o sr. P.º Hermano fez uma accusação falsa. Isto mesmo se bolhe do modo como elle pretendo justifica-la.

Francamente: o sr. P.º Hermano julga que, para um sujeito se poder affirmar filiado num partido, basta que um dia tenha dado o voto a um ou mais candidatos patrocina-

A Restauração

dos pelo mesmo partido? Se, por exemplo, numa colisão de republicanos (portugueses) e regeneradores, nós fôssemos votar pelos regeneradores para evitar um mal maior, já o sr. P.º Hermano se julgava habilitado a dizer em público, ou até em particular, que nós éramos regeneradores? Pois o motivo que o sr. P.º Hermano tem para publicar que o auctor destas linhas já pertenceu ao partido progressista ainda é menos valioso do que este.

Lembramo-nos bem—e também o sr. P.º Hermano se ha de lembrar, assim como se lembra do mais—de como o caso se passou. Então não havia em Portugal partido nenhum que nos merecesse confiança: o nacionalismo era apenas objecto de aspirações, inclusivamente das do sr. P.º Hermano. Havia duas listas camarárias naquella occasião: uma progressista e outra regeneradora. O nosso gosto—e nisto appellamos também para o testemunho do mesmo sr. Padre Hermano—era não ir à urna. Foi-nos porém pedido o voto a favor duma das listas. Ponderamos as coisas e dissemos, em substância, às pessoas que tinham conhecimento do caso: «Esta lista não nos merece menos confiança do que a outra (lá figurava, por exemplo, o sr. prior do Souto, que tam dignamente se portou na questão religiosa, e que actualmente é o presidente do nacionalismo em Guimarães): não se sacrificia pois a consciência; sacrificia-se apenas o gosto em homenagem a um amigo.» Para isto, invocamos o testemunho do próprio sr. P.º Hermano e dos mais que viviam na nossa intimidade. E note-se—repetimos, para salvar a doutrina applicada—que não existia o nacionalismo, nem partido semelhante.

Apesar do sr. P.º Hermano nos ter dado direito de contarmos tudo o que sabemos a respeito do caso, não queremos dizer agora mais nada do voto que «teria caído na urna»: ainda que injustamente accusados e indignamente provocados, antes queremos confundir o sr. P.º Hermano discordando do seu modo de tratar coisas intimas, do que seguindo-lhe agora o exemplo.

«Demais, estava sabido que o sr. P.º Faria era um votante do nosso respeitabilissimo amigo sr. abade de Tagilde.» Estava sabido por quem? —Pelo votante, não, que aqui formalmente o declara; pelo nosso bom amigo sr. abade de Tagilde, também não, que em nenhuma outra occasião—em que o voto representasse inclinação partidaria—sequer o pediu (e o sr. P.º Hermano pode perguntar-lho). Quem tal coisa julgasse saber, como o sr. P.º Hermano—que nem se peja de a publicar—sabia uma falsidade, creada por alguma cabeça mal orientada. A amizade pessoal que sempre temos mantido e sempre manteremos com o illustre sacerdote, nunca importou, nem no ânimo d'elle nem no nosso, submissão política duma parte nem outra.

Lamentamos muito ter de entrar nestes particulares: mas a culpa é toda do sr. P.º Hermano, que nos constituiu na necessidade de desfazer a falsidade das suas incorrectissimas afirmações. *Sibi imputet.*

«g) Que a respeito de baralhar theses com pessoas e de assentar, pesadamente, a mão sobre a dignidade de seus arguentes, de ninguém pode o amigo queixar-se, porque a todos excede, como é notorio.»

Nós nunca nos queixamos de que ninguém assentasse—pesada ou levemente—a mão sobre a nossa dignidade, propriamente por ser sobre a nossa dignidade. Reconhecemos a todos os direitos que reivindicamos para nós, e estamos convencidos de que, nas pugnas da imprensa, nunca excedemos os nossos direitos. Para isso, temos procurado estudar algum tanto as boas regras e os bons modelos. Temo-nos queixado sim das *incorecções* dos nossos adversários, quando ellas offendem a nossa dignidade, e também quando a não offendem.

O sermos às vezes um pouco severos para com os auctores do erro,

é procedimento de que não temos que nos arrepender, a não ser que viéssemos a julgar um mal o seguir as lições e os exemplos dos melhores mestres.

Diz D. Felix Sardá y Salvany: «Não basta fugir para evitar o tiro: o principal e mais eficaz é deixar inhabilitado o atirador. Assim, convem desautorizar e desacreditar o seu livro, periódico ou discurso; e não só isto, senão desautorizar e desacreditar em alguns casos a pessoa. Sim a pessoa, porque é este o elemento principal do combate, como o artilheiro é o elemento principal da artilharia, e não a bomba, a pólvora ou o canhão. Pode-se pois, em certos casos, trazer a público as suas infâmias, ridiculizar os seus costumes, cobrir de ignominia o seu nome e appellido. . . . Sômente se deve ter em conta que se não ponha a mentira ao serviço da justiça.»

Diz o Padre Mamachi: «E' verdade que os homens extraviados e errados ham de ser tratados com caridade; mas isso, quando haja fundada esperança de os conduzir à verdade com tal procedimento: porém, se não ha tal esperança, e sobre tudo se está provado por experiência que, calando-nos e não descobrindo publicamente a tèmpera e o caracter do que espalha erros, resultaria gravissimo damno aos povos, é crueldade não levantar a voz com toda a liberdade contra tal propagandista e deixar de lhe lançar em rosto as invectivas que muito tem merecido.»

Diz a *Civiltà Cattolica*: «Toda a lei permite que, para defender duma testemunha falsa um cliente, se adduza em juízo e se prove tudo o que pode infamar esta; ainda que noutra occasião o dizê-lo mereceria castigo de gravissima pena. Por isso eu, defendendo neste tribunal do mundo, não a um cliente particular, mas a toda a Igreja catholica, seria vil prevaricador, se não oppusesse à testemunha falsa as notas e nódos que desvirtuam e annullam o seu depoimento. Se pois todos julgariam prevaricador o advogado que, podendo demonstrar que o accusador é um calumniador, o não fizesse por motivos de caridade, por que não se comprehenderá de modo semelhante que pelo menos não pode accusar-se de haver violado a caridade o que faz o mesmo com os perseguidores de toda a espécie de innocentes?»

Diz noutra logar o já citado Salvany: «Não ha pois falta de caridade em chamar mau ao mau; maus e malvados, aos auctores, fautores e seguidores do mal; e iniquidade, maldade e perversidade, ao conjunto de todos os seus actos, palavras e escriptos. O lobo foi sempre chamado lobo e mais nada; e nunca se julgou fazer mau serviço ao rebanho nem a seu dono com lhe chamar e o apostrophar assim. Se a propaganda do bem e a necessidade de atacar o mal exigem o emprêgo de phrases duras contra os erros e seus reconhecidos corypheus, podem ellas empregar-se sem faltar a caridade. . . . Nos escriptos dos grandes athletas do Christianismo é continuo o uso da ironia, da imprecação, da execração, dos epithetos despreziveis. A lei de tudo isto deve ser unicamente a oportunidade e a verdade.»

Jesus-Christo, que decerto conhecia as leis da caridade, chamava aos phariseus «hypócritas, filhos do diabo, sepulcros branqueados, geração má e adúltera». O Baptista começou por lhes chamar «raça de víboras». S. Paulo dizia dos schismaticos de Creta que eram «mentirosos, bestas más, crapulosos, preguiçosos». Ao seductor Elimas Mago chama o grande Apóstolo «homem cheio de toda a fraude e embuste, filho do diabo, inimigo de toda a verdade e justiça». S. Jerónimo lança em rosto a Vigilância a sua antiga profissão de taberneiro e diz-lhe: «Outras coisas aprendeste (que não theologia) desde tenra idade; a outros estudos te dedicaste. Não é por certo coisa que bem possa executar um mesmo homem: averiguar o valor das moedas e dos textos da Escripura; provar os vinhos e ser entendido nos prophetas e nos apóstolos.» Noutra occasião, atacando o mesmo santo con-

troversista ao mesmo Vigilância, que negava a excellência da virgindade e do jejum, pergunta-lhe, com graça e ironia, se elle prégava assim para não perder o consumo da sua taberna. A invectiva de S. João Chrysóstomo contra Eutrópio, por pessoal e aggressiva, só tem comparação com as acrimoniosas de Cícero contra Catilina ou contra Verres. O mellifluo S. Bernardo chama a Arnaldo de Brécia «seductor, vaso de injúrias, escorpião, lobo cruel». S. Thomás de Aquino esquece a serenidade de seus frios syllogismos para se dirigir em vehemente apóstrophe ao seu adversário Guilherme de Saint-Amour e a seus discipulos, chamando-lhes «inimigos de Deus, ministros do diabo, membros do Anti-Christo, ignorantes, perversos, réprobos». S. Boaventura increpa a Geraldo com os epithetos de «imprudente, caluniador, espirito maléfico, impio, impudico, ignorante, embusteiro, malfeitor, pérfido e insensato». Até o mansissimo S. Francisco de Salles, perguntado por um catholico se se podia dizer mal dum que espalhava venenosas doutrinas, respondeu: «Podeis sim, com tanto que não digais delle coisa contrária à verdade, e só pelo conhecimento que tenhais do seu mau modo de viver, fallando do duvidoso como duvidoso, e segundo o grau maior ou menor de dúvida que sobre isso tenhais.»

Ora o sr. P.º Hermano não poderá dizer que jámais excedêssemos estes limites, ou que alguma vez travêssemos campanha que não fosse em favor da verdade ou da moralidade: o que se não pode dizer daquelles a quem temos combatido, como se tem provado.

«Queira absolver-me das maneiras francas que me são habituaes ao escrever, e faça desta carta o uso que mais conveniente lhe pareça.»

De V. Rev.ª
att.º ven.ºr.º e am.º obrg.º
P. Antonio Hermano.»

Terminamos, fazendo nossa a primeira parte do último período da carta do sr. P.º Hermano.

Minúcias

X

A Calúmia

Na mythologia havia divindades benéficas e divindades maléficas. Os Athenienses fizeram da Calúmia uma divindade maléfica.

O célebre mestre da pintura grega, Apelles, tendo escapado ao supplicio, de que esteve para ser victima por haver sido falsa e calumniadamente accusado duma conspiração contra Ptolemeu, rei do Egypto, fez em Epheso um famoso quadro da Calúmia. O escriptor grego Luciano deixou-nos a descripção da maravilhosa obra de Apelles.

A direita do quadro via-se um homem assentado, que tinha longas orelhas. Estendia de longe a mão para a Calúmia, que se adeantava para elle.

Tinha junto de si duas mulheres, das quaes uma era a Ignorância, outra a Suspeição.

Em frente d'elle estava a Calúmia, representada sob a figura duma mulher formosa, ataviada de bellos enfeites, mas cujo rosto se mostrava inflammado e parecia respirar a cólera e a raiva.

Tinha na mão esquerda um facho acceso, e com a direita arrastava um pobre moço, que levantava as mãos para o ceu e parecia tomar os deuses por testemunhas. Era precedida dum homem pálido, magro, de rosto amortecido, de olhar fixo, e semelhante a um homem que sai de longa doença. Este homem era a Inveja.

Mais atrás estavam duas mulheres que conduziam a Calúmia e ajustavam os seus adereços. Uma era a Traição e outra a Impostura. Em última linha seguia a Penitência, vestida em hábitos negros e esfara-

rapados, a qual, voltando a cabeça para trás com os olhos arrasados de lágrimas e o semblante coberto de vergonha, parecia receber a Verdade, que se adeantava.

Esta obra admiravel do immortal artista grego, conservada na descripção de Luciano, foi a fonte em que, nos dias da renascença, se inspirou Raphael para a composição do seu célebre desenho da Calúmia, que se conserva no museu do Louvre.

O quadro de Raphael representa a Credulidade sob a figura do rei Midas, que acolhe a Calúmia, e tem aos lados a Suspeição e a Ignorância. Aos pés está a Inveja.

Outras personagens representam a Fraude, a Perfidia, o Arrependimento, a Innocência e a Verdade.

Este desenho é executado à penna.

Ainda outros artistas se ham esmerado em tratar o mesmo assumpto: entre elles o célebre pintor florentino dos séculos XV e XVI, Sandro Botticelli (cujo quadro se conserva no museu dos Officios); Franciabigio, também florentino, contemporâneo do antecedente (cujo quadro se conserva no palácio Pitti, em Florença); Mocetto, veronense, do século XV (cujo quadro se conserva no palácio municipal de Nuremberg); e Alberto Dürer, de Nuremberg, dos seculos XV e XVI (cujo quadro se conserva no mesmo palácio de Nuremberg).

P.º F.

Entradas e saídas

As entradas foram de leão.

O sr. P.º Roriz, lançado à publicidade do seu *Regenerador*, começou de arremetter contra tudo e contra todos. A *Restauração* e a causa que ella defende não foi poupada; antes mereceu certas preferências, talvez por ser «um jornal dos que põem taboleta de catholicos».

Durante algum tempo calamo-nos. A certa altura porém julgamos que o prolongar o silêncio seria atraioar a causa. Mas o nosso primeiro artigo contra *O Regenerador* não passou dum lejeiro signal de vida; e terminamo-lo por estas palavras: «sobeja-nos a vontade de não entrar num trabalho a que só a necessidade nos pode obrigar. Tomáramos não ser desagradaveis a ninguém. Mas, se a redacção de *O Regenerador* teimar em dizer tudo o que quer, ha de ouvir o que talvez não queira.»

A estas palavras, que exprimem vontade de paz, mas excluem a cobardia de deixar offender a causa por medo da lucta, respondeu a redacção de *O Regenerador*, ainda leoninamente, que se não importava de amiaças, viessem donde viessem.

Depois veio o sr. Padre Roriz a afirmar que o theatro hoje em dia é detestavel, não se cansando, ao mesmo tempo, de para lá attrahir os seus leitores. Veiu a apostolizar a immoralissima moral de que quem faz o mal para melhor ganhar dinheiro não merece censura e a estimular até o empresário das torpezas theatraes a que não desanimasse «no seu esforço benemerito». Veiu a insinuar-nos que, se não frequentássemos o theatro, não cumpríamos o nosso dever de escriptores e seríamos campeões da immoralidade.

E' claro que, para nos calarmos perante semelhantes desconcertos ensinados por um padre, devíamos ter perdido a dignidade e precisávamos de quebrar a penna duma vez para sempre. Dissemos o que nos pareceu eficaz para confundir semelhante petulância doutrinar e neutralizar o inaudito escândalo.

Então o sr. Padre Roriz, de juba menos crespa, recorreu aos subterfugios e expedientes mais pueris e incorrectos e ao calvissimo sophisma de nos intimar, perante os seus leitores, a que lhe dissêssemos em que número de *O Regenerador* tínhamos lido umas palavras que elle dizia serem-lhe attribuidas por nós, sobre a necessidade de irmos aos theatros.

Aqui já ninguém via signaes de juba: éramos calumniadamente accu-

sados duma citação falsa. Responde-mos ao sr. Padre Roriz que lhe não attribuíramos taes palavras, e appellamos para a evidência dos factos. Mas accentuamos que lhe attribuíramos o sentido dellas, e demonstramos ter interpretado bem as do nosso rev. collega. Se assim o não fizéramos caía por terra toda a argumentação dum longo artigo nosso.

Então o sr. Padre Roriz, cada vez menos leão, diz-nos que não quizer aconselhar a nossa ida aos theatros, e declara aos seus leitores que nós reconhecéramos não serem delle as *palavras* que haviam motivado a nossa critica; omittindo cavillosamente que nós affirmáramos e demonstráramos estar nas nossas palavras o *legitimo sentido* das do sr. Padre Roriz, e dando a entender que inventáramos o delicto a que se referia a nossa critica, sendo primeiro falsários, para depois nos esgrimirmos contra moínhos de vento.

A vista de semelhante incorrectão, intimamos o sr. Padre Roriz, em nome dos motivos que mais decisivos devem ser para um caracter bem formado, a que desfizesse claramente as calumniosas accusações. Mas o sr. Padre Roriz, já inteiramente metamorphosado do seu primeiro feitio, não teve ânimo de restabelecer a verdade. Outra vez o intimamos, ainda em termos mais enérgicos a que desenganasse os seus leitores a respeito das calumnias que nos assacava. Mas perdemos o tempo: o sr. Padre Roriz já nem sombra era de leão. Mandou-nos então dizer pelo sr. Padre Hermano (e o illustre escriptor accetou o encargo!) que cortara as relações com *A Restauração*! As calumnias contra nós haviam de ficar assim, porque *A Restauração* nunca mais gozaria das olympicas attentões do sr. Padre Roriz!

Mas não cuide ninguém que o sr. Padre Roriz nos conceitua mal. Permitta-se-nos que, para desfazer qualquer suspeição que, aquelle sublime procedimento do sr. Padre Roriz possa gerar contra nós, consignamos aqui o conceito que em dias de cabeça menos perdida e por isso mais digna de fé,—mas ha poucas semanas—, o sr. Padre Roriz publicou a nosso respeito. Em seu n.º 9 diz-se: *Tribulamos a Restauração a consideração devida a um jornal sério e bem redigido.* E, ainda no mesmo número: *O collega (A Restauração) . . . fique inteirado, duma vez por todas, de que o temos no melhor conceito e de que prezamos muitissimo o seu digno e talentoso redactor.*

(Em parêntese: Estas palavras, ainda que não sejam da penna do sr. Padre Roriz, foram absolutamente perfilhadas pelo nosso rev. collega e publicadas por elle. Fazemos esta advertência, porque, auctorizados pelo estylo—que é o homem—e pela doutrina do sr. Padre Hermano—de que tudo quanto em *O Regenerador* sair sem assignatura deve ser attribuido a ambos os revs. redactores—não nos queremos inhibir de com ellas mostrar o que valem as actuaes queixas do sr. Padre Hermano contra *A Restauração*; queixas que só appareceram, quando o procedimento sempre por nós adoptado e que gerou aquelle benévolo conceito do nosso illustre amigo, teve, segundo a lógica da coherência, de lhe ser desagradavel.)

Voltando ao caso do sr. Padre Roriz, não achamos outra explicação para o actual incorrecto procedimento do nosso rev. collega para conosco, senão a de o tomarmos como um novo expediente para se livrar das nossas criticas (que não evitará). Aliás, isto é, se o sr. Padre Roriz quisesse desconceituar-nos com o seu corte de relações, teríamos direito de lhe applicar o adágio francês: *Il faut qu'un menteur ait bonne mémoire*; adágio, que um escriptor commenta: *«Les affirmations d'un menteur n'étant pas basées sur la vérité, il est exposé à se contredire, à oublier ce qu'il a dit.»*

Mas, como quer que seja, as saídas do sr. Padre Roriz não foram de leão.

Curiosidades

Curioso.—Deu-se no oriente, num país chamado Annain. Um condemnado á morte, um pouco antes de ser decapitado, exclama: «Povo de canalhas, nossos irmãos levantar-se-ham para nos vingar! A nossa morte de todos tres provocará um proximo movimento!» Pediu-se a um drogomo que traduzisse ao governador europeu essas palavras. E elle traduziu assim: «O condemnado agradece á população de Hanoi e ao cordão de tropas o terem vindo assistir á sua execução». Este interprete dava um bom diplomata.

Velocidade de paquebotes.—Trinta e cinco dias gastou Christovão Colombo para chegar ao Novo-Mundo. Em 1838 ainda eram precisos uns bons quinze dias para atravessar o oceano. Desde essa epocha a velocidade dos paquebotes tem progredido sempre. Ajuize-se por este pequeno quadro:

1879, *Arizona*, 7 dias, 8 horas.
1882, *Alaska*, 6 dias, 22 horas.
1896, *Saint-Paul*, 6 dias.
1903, *Deutschland*, 5 dias, 12 horas.
1906, *Kaiser-Wilhelm*, 5 dias, 8 horas.
1906, *Deutschland*, 5 dias, 7 h., 38 m.
1907, *Lusitania*, 4 dias, 20 horas.
1908, *Lusitania*, 4 dias, 15 horas.
E ainda se espera fazer a viagem em menos tempo.

Litteratura

REACCIONARIOS!

Filho, amarás sobre tudo
Teu Pae celeste, teu Deus;
Amarás como a ti proprio
Teu proximo, os irmãos teus.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Do teu Deus o sacro nome
Nunca jurarás em vão;
Nunca pragas e blasphemias
Teus labios proferirás.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

De domingo o santo dia
A' oração dedicarás;
Todas de preceito as festas
Reverente guardarás.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Com teu amor e respeito
Honrarás teu pae e mãe;
Acatarás obediente
Teus superiores tambem.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Contra a tua alheia vida
Não erguerás mão cruel;
Sobre as almas e honra de outrem
Não verterás negro fel.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Prestarás culto á virtude,
Será casto o teu viver:
Seja moral teu exemplo,
Como prescreve o dever.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Não leses teu semelhante,
Defraudando-o no que é seu;
Nem sobre seu nome e credito
Lances infame labeu.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Todo o testemunho falso,
O crime feio, infernal;
Bane-o, bane a atroz calumnia,
Origem de tanto mal.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Ao teu proximo une a esposa
O intimo, sagrado nó:
Nem te seja pois objecto
De um leve desejo só.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Coisas de outrem não cubices,
Que peccado horrivel é;
Seja teu porte com elle
Mãos limpas e boa fé.

Berra o revolucionario:
Fóra! que é reaccionario.

Revolva-se o mau e o torpe
Dos crimes no lodaçal:
Lamentando-o nós trilhemos
Do bem a via leal.

Embora grite e esbraveje
De Satan a immensa grei,
Sejamos reaccionarios,
Segundo de Deus a lei.

A. Moreira Bello.

Noticiario

Ao snr. Administrador do concelho.—Segundo queixas repetidas, formuladas por pessoas conhecedoras do que se passa na povoação das Taipas, abundam ali as desordens e toda a casta de poucas vergonhas pelo abuso das tabernas.

Bem sabemos que não está na mão do snr. Administrador do concelho obstar a todo o mal: mas alguma coisa nos parece que se pode fazer para o deminuir. Um dos remedios que, a nosso ver, é necessário applicar, é o de não permitir que as tabernas estejam abertas á noite, alem da hora legal. E' sabido que a maior parte dos excessos e desordens se praticam nessas horas da noite.

Esperamos que o snr. Administrador se informe da verdade e tome urgentemente as providencias que exige a tranquillidade e a moralidade daquella povoação.

Liga Naval Portuguesa.—Reuniu na Sociedade Martins Sarmento a junta local da Liga Naval Portuguesa, em Guimarães, resolvendo communicar officialmente a sua installação á Camara Municipal, Administrador do concelho, Juiz de direito, Delegado do procurador regio, Commandante militar, Chefe da secção dos serviços fluviais e maritimos, etc.; pedir á Camara Municipal que em posturas proteja as pescarias a dentro do concelho, para que represente, pedindo o augmento de cantoneiros do rio e a elevação da verba da estação agricola, afim deste estabelecimento attender ás requisições que a missão de propaganda da Liga faça da criação a lancar nos diversos rios do norte e em especial no Ave e Vizella; ao snr. Administrador do concelho resolveu tambem a Junta pedir a sua coadjuvação no sentido de todos os regedores e seus respectivos cabos auxiliarem os cantoneiros dos rios e os membros das commissões das pescarias na fiscalização e repressão de todos os abusos que se venham dando na pesca, respeitando-se as posturas camararias e as determinações do regulamento nas aguas interiores do país.

A Missão de Propaganda da Liga Naval Portuguesa, por proposta da Junta Local em Guimarães, nomiou as seguintes commissões defensoras das pescarias neste concelho:

S. Torquato—Presidente, abbade Guilhermino Cardoso da Fonseca; vogaes, Ovidio de Faria e Sousa Abreu e João Ribeiro de Faria.

Aldão—Presidente, padre João Lopes Pimenta; vogaes, Manuel José de Freitas e João de Freitas.

S. Lourenço de Selho—Presidente, padre Manuel Joaquim Gomes; vogaes, João José Fernandes e Antonio de Freitas.

Creixomil—Presidente, Domingos Ribeiro de Sousa Agra; vogaes, José de Freitas Matta e José de Freitas.

S. Jorge—Presidente, padre Alfredo Corrêa; vogaes, Joaquim da Costa Vaz Vieira e Porfirio Mendes Ribeiro.

Gondar—Presidente, abbade Francisco Domingues; vogaes, Fortunato Sampaio e Francisco Dias Sampaio.

Serzedello—Presidente, reitor Francisco Barbosa; vogaes, Luis Fonseca e Narciso de Abreu.

S. Paio de Vizella—Presidente, abbade José Machado Sampaio Bastos; vogaes, José Dias Teixeira Gomes e Abilio Simões Lopes Sampaio.

Tagilde—Presidente, José Antonio Fernandes da Rocha; vogaes, Victorino Simões Lopes Sampaio e Antonio Manuel Lopes Pereira Caldas.

Moreira de Conegos—Presidente, abbade Laurentino José Dias; vogaes, Acacio Machado e Rodrigo Martins.

Gondomar—Presidente, padre Arthur da Conceição Ferreira Campos; vogaes, Manuel Fernandes Guimarães e Domingos do Couto.

Arosa—Presidente, padre Justino Cardoso Guimarães; vogaes, João Pedro Alves Mattos e Domingos Coutinho de Oliveira.

Souto (Santa Maria)—Presidente, padre João Vieira de Andrade; vogaes, Fernando Amaral e Sebastião Antonio da Silva.

Souto (O Salvador)—Presidente, padre José Dias Ribeiro da Silva; vogaes, Manuel Martins da Costa Freitas e Antonio Exposto.

S. João da Ponte—Presidente, o rev. reitor da freguesia; vogaes, José Maria Martins Ferreira e Guilherme Lickfold.

Brito—Presidente, rev. abbade; vogaes, Eduardo Moura e Castro e Manuel Corvite.

Ronfe—Presidente, abbade Manuel Esteves de Escobar; vogaes, João Baptista Sampaio Bourbon e Joaquim Machado.

Santa Leocadia de Briteiros—Presidente, parochio dr. Elias Gomes; vogaes, Joaquim José Marques Guimarães e Juvenal Macedo.

Nespereira—Presidente, o rev. parochio; vogaes, João Elias e José Fernandes.

S. Christovão de Selho—Presidente, José Corrêa Guimarães; vogaes, José Antonio Fernandes e Constantino da Silva.

Fermentões—Presidente, reitor José Fernandes Guimarães; vogaes, Manuel de Freitas Ferreira e Silva e Delfim Teixeira da Costa.

Lordello—Presidente, Joaquim Machado; vogaes, Antonio José Dias Junior e Joaquim Luis de Carvalho Pinheiro.

Taypas—Presidente, dr. Alberto Ribeiro de Faria; vogaes, Francisco da Silva Braga, Lourenço da Silva Braga e Joaquim Aurelio da Costa.

Vizella—Presidente, José de Freitas Ribeiro de Faria; vogaes, Adriano Machado Dias de Carvalho, João M. Dias de Carvalho, Manuel Dias Machado e Domingos Campellos.

Bombeiros Voluntarios.—Realizou-se no passado domingo, como estava annunciado, o simulacro de incendio que se devia executar no dia do 32.º anniversario desta humanitaria corporação, em 1.º do mês de março findo. Cerca das 11 horas da manhã, toda a corporação com o seu excellente material se postou em fila, com a Nova Phylarmonica Vimaranesense, defronte do predio do snr. Luis José Gonsalves Bastos, na praça de D. Affonso Henriques, achando-se no local a direcção desta corporação, o seu clinico e o vereador do pelouro dos incendios.

Todas as manobras correram, como sempre, magnificamente.

Foi nomiado 2.º commandante da mesma corporação o snr. José Luis de Pina, professor do Seminario-Lyceu desta cidade, de quem a prestan-te corporação muito tem a esperar pelo seu zelo e amor a tudo que seja progresso da sua terra.

Club de Caçadores e Atradores Civis de Guimarães.

—Esta instituição, que durante muito tempo não deu accôrdo de si, volta de novo a dar signaes de vida, achando-se installada nos baixos do palacete Minotes, á rua de Santo Antonio.

Procedendo-se á eleição dos corpos gerentes, deu o seguinte resultado.

Assembleia geral

Presidente—Joaquim Martins de Menezes.

Vice-presidente—Francisco Ribeiro Martins da Costa.

1.º Secretario—Domingos Leite Corrêa Azenha.

2.º Secretario—João de Castro Mendes da Cunha.

Conselho fiscal

Visconde do Paço de Nespereira, Dr. Adelino Ferrão e Gaspar Ribeiro da Silva e Castro.

Direcção

Presidente—Joaquim Ribeiro da Silva.

Vice-presidente—José Caetano Pereira.

Thesoureiro—José Salgado.

1.º Secretario—Francisco Ribeiro da Silva Castro.

2.º Secretario—João de Almeida Bravo.

Directores—Augusto Fernandes, Joaquim de Sousa Pinto, Domingos Ribeiro de Sousa Agra e Antonio Martins Leite.

Camara Municipal.—A Camara Municipal desta cidade, em sua sessão de 31 do mês findo, deu conta do seguinte expediente:

Officios

Do snr. administrador do concelho, pedindo um subsidio para o menor Miguel, filho de Maria Joaquina, a «Cachena». Resolveu mandá-lo recolher provisoriamente no Hospicio dos Expostos.

Do snr. escrivão de fazenda, pedindo á camara para deduzir a importancia de 17470 reis do ordenado do mês corrente ao amanuense da administração do concelho, Antonio de Oliveira Pinto, para a caixa de aposentação. Inteirado.

Requerimentos

De diversos moradores do largo de Franco Castello Branco, pedindo á camara para intimar o proprietario do barraco construido no mesmo largo a demolilo, logo que a companhia retire. Tomado em consideração.

De Oliveira & Irmão, desta cidade, pedindo a necessaria auctorição para collocar na frente do seu estabelecimento, sito no Campo do Toural, uma tableta com os seguintes dizeres: «A Primavera, Oliveira & Irmão». Concedida.

De Domingos Ribeiro Fernandes, da freguesia de Creixomil, pedindo para reformar a vedação do seu predio, sito no largo da Lata. Concedida sob a fiscalização da repartição respectiva.

De José Antonio Crêspo Guimarães e Francisco Gomes Alves, ambos da freguesia de S. Martinho de Sande, pedindo á camara para mandar intimar José Joaquim da Costa Marques e mulher a alagar todas as obras novas que fizeram e a restituir ao transitio publico os caminhos de que indevidamente se apropriaram e a pôr todos elles no antigo estado, no lugar das Gar-

fas, freguesia de S. Martinho de Sande. Ao vereador para informar.

Pelo snr. vice-presidente foi communicado que tendo sido convidado pelo illustre commandante dos Bombeiros Voluntarios, para assistir, como vereador dos incendios, ao exercicio daquelle corpo, accedeu ao convite, tendo a satisfação de dizer á camara que summamente lhe agradou o garbo, limpeza e asseio com que o pessoal se apresenta. o cuidado com que o material está conservado, e bem assim a disciplina, arrojo, rapidez e precisão com que sam executadas as manobras, parecendo-lhe de toda a justiça que a camara communique áquelle corpo por intermedio do seu digno commandante a satisfação com que recebe esta communicação e a confiança que deposita na abnegação e coragem por muitas vezes já comprovada, daquella corporação.

Depois de aprovada a proposta do snr. vice-presidente e de auctorizados diferentes pagamentos, foi encerrada a sessão.

Expediente

Prestes a expirar o 5.º anno de publicidade de *A Restauração*, ainda se acham em atrazo de pagamento da assignatura muitos dos nossos obsequiosos subscriptores.

Esperamos porisso dever a fineza a todos aquelles a quem este pedido se refere de mandarem liquidar os seus debitos com a possivel brevidade, para nos evitarem sacrificios de maior na sua publicação.

Se todos tivessem boa vontade e reconhecessem o quanto custa avolumar sacrificios pecuniarios com os materiaes que acarretam estas publicações, desnecessario seria escrever estas linhas. Infelizmente, porém, temos de escrevê-las, e para muitos.

A Administração.

Annuncios

Casa do Povo de Guimarães

ASSEMBLEIA GERAL

De harmonia com o disposto nos artigos 45.º e 47.º dos seus estatutos, convidado todos os socios e assignantes da *Casa do Povo de Guimarães* a reunirem-se, no dia 12 do corrente, pela 1 hora da tarde, na rua de D. João 1.º n.º 13, para se tratar de assumptos que interessam á sociedade.

Não reunindo naquella dia numero legal, fica a mesma transferida para o domingo immediato, 18 do corrente, ás mesmas horas e no mesmo local.

Guimarães, 3 de abril de 1909.

Pela Commissão Administrativa,

Antonio Luiz da Silva Dantas.

A Restauração

Pede-se a visita do publico ás nossas succursaes para examinar os bordados em todos os estylos: matiz, renda, abertos, mexicanos e romanos, bordados venezianos, etc., executados com a machina

Domestica Bobine Central

a mesma que serve para toda a classe de **Trabalhos domesticos**
Machinas para todas as industrias em que se empregue a costura.

MACHINAS SINGER PARA COSER

Novos catalogos com grande redução de preços

Todos os modelos a 500 reis semanaes

Peça-se o catalogo illustrado que se dá gratis

Companhia Fabril Singer

Concessionarios em Portugal

ADCOK & C.^a

SUCCESSAES

* Braga—69, L. do Barão de S. Martinho, 71.

Guimarães—Avenida do Commercio.

GRANDE

Catecismo Catholico

Sua explicação clara e fundamental

COM EXEMPLOS ESCOLHIDOS E ADAPTADOS A CADA MATERIA

Obra muito util para os reverendos parochos, para o clero e seminaristas, assim como para os professores de instrucção primaria, directores de collegios, e em geral para todos os catholicos e familias christãs que desejam ter conhecimento claro das grandes verdades da Religião

PELO

PADRE JOSÉ DEHARBE

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDO EM VERNACULO

PELO PRESBYTERO

Miguel Ferreira de Almeida

Doutor na S. Theologia e Direito Canonico, Conego Honorario da S. Basilica do Loreto, com honras de Familiar e Commensal do Papa, Capitular da Sé de Vizeu, Examinador Pro-synodal, Secretario Geral da Congregação universal da Santa Casa do Loreto em Portugal, condecorado por Leão XIII com a Cruz de ouro de 1.^a classe «Pro Ecclesia et Pontifice» e redactor da «REVISTA CATHOLICA».

E' verdadeiramente monumental a obra que vamos reeditar — o famoso Catecismo do celebre e doutissimo Jesuita Alemão, o rev. Deharbe. Esgotada a primeira edição, e continuando a receber frequentes e instantes pedidos tanto de Portugal como do Brazil e das Indias, e reconhecendo por outro lado os fructos incalculaveis que ham de resultar da divulgação desta obra que é um riquissimo thesouro de sciencia theologica popular ao alcance de todas as intelligencias, não hesitamos um momento em fazer uma nova edição que esperamos em Deus terá o mesmo exito da primeira, que dentro de pouco tempo se esgotou.

O Catecismo de Deharbe é, pelo seu methodo maravilhoso, pela clareza na exposição da sua doutrina, pela vastidão dos conhecimentos theologicos do seu auctor, uma obra indispensavel a todos os reverendos sacerdotes, parochos, prégadores, catechistas, aos directores e directoras de collegios, e aos chefes de familia, para lhes servir de guia na explicação da doutrina catholica, quer no ensino da catechese tanto dos pequenos, como especialmente de adultos, quer para as homilias ao povo, para sermões e conferencias.

Crêmos que neste genero não ha obra mais completa e mais bem acabada.

A explicação desenvoldissima de todas as verdades christãs e genuinamente catholicas, acrescentada exemplos numerosos que compendiam e tornam claras e palpaveis as verdades mais augustas e sublimes da religião, sendo alem disso aquelles exemplos um estímulo, para a prática de todas as virtudes que enaltecem e santificam o christão.

E' tal o merecimento desta obra monumental que tem sido vertida para as principaes linguas da Europa.

Consta de quatro grossos volumes, impressão nitida e em magnifico papel, e a sua distribuição será feita aos fasciculos de 80 paginas pelo preço de 160 reis.

A primeira caderneta vai ser brevemente distribuida aos numerosos assignantes, continuando aberta a assignatura ás cadernetas e aos volumes. Todos os pedidos devem ser dirigidos a

Empresa da Revista Catholica (Vizeu).

O Coração de Jesus

SEGUNDO A DOUTRINA

DA

Beata Margarida Maria Alacoque por um oblato de Maria Immaculada, capellão de Montmartre.

Tradução de R. F.

Introdução do Padre J. S. Abranches

Pedidos à Administração do Novo Mensageiro, Rua do Quelhas, 6, Lisboa. Preço: um volume de 316 paginas, largamente illustrado, 300 reis; pelo correio, 340 reis.

Pauvert

O Valle das Lagrimas

Necessidades, fontes e fructos da tristeza sobrenatural

VERSÃO DE

Antonio Figueirinhas

Obra approvada pelo Senhor D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preço, franco de porte, em brochura—200 reis. Encadernação de luxo—300 reis.

Livraria editora de Figueirinhas Junior—Rua das Oliveiras, 75—Porto.

P. G. Bouffler

DA COMPANHIA DE JESUS

Amor e Reparação

A primeira sexta-feira do mês

EXERCICIOS

EM HONRA DO S. C. DE JESUS

Versão do francés pelo Padre Anselmo Gonsalves.

Um elegante volume, em 8.^o inglês, de X—520 paginas, optima impressão e bom papel

Preço 500 reis
Pelo correio 530 »

Todos os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos ao traductor e editor, Padre Anselmo Gonsalves—Arcos de Valdevez.

Obras primas

de litteratura portuguesa

Nova edição completa dos

Sermões

DO

Padre Antonio Vieira

Edição popular, em 15 volumes, cuidadosamente revista, compreendendo toda a obra oratoria do genial prégador.

Publicação por assignatura a volumes—Edição impressa nitidamente e em bom papel.

Por assignatura, a 500 reis cada volume brochado e 700 reis encadernado.

Depois de completa será augmentado o preço da obra, não se vendendo volumes avulsos.

Publica-se um volume mensalmente.

Recebem-se assignaturas em casa dos editores.

Livraria Chardron, de Lello & Irmão

Rua das Carmelitas, 144

PORTO

A SAUDE

Revista mensal dirigida pelo habil clinico Dr. Bentes Castel-Branco

Pelo modo pratico como ensina a conservar e robustecer as forças physicas torna-se de grande utilidade em todas as familias.

Para tomar assignatura por um anno basta enviar 750 reis á sua administração

Rua da Padaria, 48, 1.^o

LISBOA

Catecismo para os Parochos

Segundo o decreto do Concilio de Trento

Publicado primeiramente pelo PAPA PIO V e depois por CLEMENTE XIII e, traduzido agora em portuguez por

Monsenhor MANUEL MARINHO

Por ordem do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. António, Bispo do Porto

DOIS VOLUMES.

Preço 1\$200 reis.

Pedidos aos editores José Fructuoso da Fonseca & Filho, Rua da Picaria, 74—PORTO.

BIBLIOTHECA RELIGIOSA

Obras editadas pela empresa de «A RESTAURAÇÃO» e á venda na Typ. Minerva Vimaranesense—Rua de Payo Galvão—Guimarães

Recordação de meus estudos, pelo auctor do *Méthodo para formar a infancia na piedade*. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

1.^a série—Um vol. de 40 paginas em 4.^o

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

2.^a série—Um vol. de 50 paginas em 4.^o

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

Os beneficios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 60 paginas, em 8.^o

Em brochura 50 reis

Cartonado 100 »

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um vol. de 64 paginas, em 8.^o

Em brochura 50 reis

Cartonado 100 »

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portuguesa do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primás.

Um volume de 112 paginas, em 8.^o

Em brochura 100 reis

Cartonado 160 »

Os beneficios da confissão, As Bem-aventuranças evangelicas e os Conselhos sobre a educação remetem-se pelo correio franco de porte.

OUTRAS OBRAS DIVERSAS

Vida de S. Luís Gonzaga, modelo e protector da mocidade catholica.

Um vol. de 50 pag., com uma linda capa illustrada que o torna recommendavel para premios á juventude:

Preço 30 reis

Pelo correio 35 »

A Biblia—Questão Vital, pelo Padre Bento José Rodrigues, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Um vol. de 48 paginas, em 8.^o

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica.

Um folheto de 32 paginas, em bom papel:

Preço 20 reis

Pelo correio, por cada 5 exemplares... .. 10 »

Burgueses e Operarios, dialogo entre um socialista e um homem de bem. (Versão do francés).

Um volume de 118 paginas em formato elegante:

Preço 80 reis

Pelo correio 90 »

Educação—Compendio de civilidade para meninas, coordenado pelo Rev. Padre A. de Menezes, contendo o seguinte

SUMARIO: I—O que é educação. II—O que exige a educação. III—Formação intellectual. IV—Formação do coração. V—Formação da consciencia. VI—Formação do caracter. VII—Deveres para com Deus. VIII—Deveres para consigo proprio. IX—Deveres para com o proximo. X—Civilidade: Tratamentos.—Cartas.—Conversação.—Visitas.—Baptizados.—Jantares.—Honras funebres.—Reuniões.—Recreações.—Encontros.

Um volume de 80 pag. elegantemente cartonado, titulos dourados, folhas vermelhas.

Preço 100 reis

Pelo correio 110 »

Nem de mais nem de menos, romance moral humoristico, por Dorothea de Boden. Versão do francés por Brites de Almeida.

Um vol. de 108 paginas, em 8.^o

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

Vida breve e popular de D. João Bosco, por P. J. B. Francesia.

Um volume de 412 paginas, em bom papel e nitida impressão:

Preço 400 reis

Pelo correio 450 »

Izabel, por Dorothea de Boden, Versão do francés por Brites de Almeida.

Um volume de 156 paginas, em 16.^o

Preço 50 reis

Pelo correio 60 »

A Dictadura, por Joseph Viand, Ensaio de philosophia social.

Um volume de 116 paginas, formato elegante:

Preço 250 reis

Pelo correio 270 »

O almocreve das petas, por Spiritus Asper.

1.^o volume, com 128 paginas, em 8.^o

Preço 80 reis

Pelo correio 90 »

Todas as requisições devem ser acompanhadas da respectiva importancia, em estampilhas de 25 reis ou vale postal, sem o que não serão attendidas.

ALEM DOS LIVROS MENCIONADOS HA MAIS:

Bilhetes postaes illustrados.—Coloridos, e em preto, variedades de gostos e preços modicos. Collecções da estancia thermal de Vizella composta de 14 exemplares, com 17 vistas escolhidas, optimo cartão e nitida impressão, a 150 reis.

Bilhetes postaes de propaganda religiosa, com diversas imagens. Preço de cada um, 5 reis. Em series de 20 ou mais exemplares, sortidos, faz-se a remessa franco de porte.

Sellos para collecções.—Nacionais e estrangeiros, em pacotes com 25 sellos, desde 30 reis, e em pastas, avulso, de diversos preços, a começar em 5 reis cada um. Ha grande variedade.